

Os Surdos, suas línguas e sua textualidade diferida

Leonardo Peluso Crespi*

Traduzido por: Renata Lisboa Mothcy**, Saionara Figueiredo dos Santos***, Sheila Maria dos Santos****

Introdução

Neste artigo,¹ pretendo discutir alguns dos resultados do programa de pesquisa/extensão denominado *Textualidade Registrada em Língua de Sinais Uruguiaia* (TRELSU), realizado no âmbito da Carreira de Tecnólogo em Interpretação e Tradução LSU - Espanhol (TUILSU) da Universidad de la República, Uruguai.

O Programa TRELSU tem, em uma de suas linhas de pesquisa, o objetivo de estudar a nova textualidade diferida que está sendo realizada por meio de registros visuais na LSU e a forma como uma cultura letrada emergente se desenvolve em torno dela, no âmbito da comunidade surda do Uruguai. A metodologia seguida é a observação participante (TAYLOR; BOGDAN, 1987; ÍÑIGUEZ RUEDA, 1999; GUBER, 2004), que insere este estudo na linha de pesquisa qualitativa em ciências sociais e humanas. No marco da proposta qualitativa, esta pesquisa não busca satisfazer um critério de objetividade oriundo da ciência positivista, mas se coloca em uma posição

* TUILSU

** UFSC

*** IFSC

**** UFSC

¹ Este texto é uma tradução do artigo “Los Sordos, sus lenguas y su textualidad diferida” publicado em julho de 2018 na *Traslaciones. Revista Latinoamericana de Lectura y Escritura*. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/traslaciones/article/view/1311>. Acesso em: 24 mai. 2024.

em que se explicita a posição política dos diferentes atores que nela intervêm promovendo a descolonização de relações de poder que, por vezes, são instituídas entre pesquisadores e pesquisados. Assim, trata-se de uma investigação que articula três vertentes: análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1998; VAN DIJK, 2000), linguística crítica (RAJAGOPALAN, 2003) e uma epistemologia descolonizadora proposta a partir das ciências sociais latino-americanas (LANDER, 2011).

Serão apresentados alguns dados decorrentes desta pesquisa e, a partir deles, será dada especial ênfase às discussões sobre os conceitos de escrita, textualidade diferida e cultura letrada.

Os surdos como comunidade linguística

Somente após o trabalho paradigmático de William Stokoe em 1960 é que começa a ser reconhecido, no campo da comunidade científica, que as línguas de sinais são sistemas verbais (STOKOE, 1993). Com base nessa afirmação, Erting (1982) aponta que a experiência da surdez seria um fenômeno identitário semelhante ao da etnicidade, fundamentalmente constituída em torno da língua de sinais. Por sua vez, Peluso (2010) distancia-se dos desdobramentos de Erting (1982) e propõe considerar os surdos como um grupo minoritário e uma comunidade linguística, pois seria uma comunidade caracterizada pela interação frequente e regular de seus membros por meio de um repertório linguístico compartilhado, fazendo uso do conceito de comunidade de fala proposto por Gumperz (1968). Dessa forma, na medida em que se considera que os processos de identificação social se constituem fundamentalmente em torno de uma língua minoritária, nativa do grupo, é possível dizer que os surdos constituem uma comunidade linguística.

Nessa perspectiva, é possível sustentar, então, que a comunidade surda no Uruguai é uma comunidade linguística com um repertório composto basicamente por duas línguas em relação à distribuição funcional e social: a língua de sinais uruguaia (LSU), na qual sentem-se falantes nativos, e o espanhol, que funciona como segunda língua e pertence à maioria, na qual cada um tem maior ou menor grau de competência e identificação.

Por outro lado, além de um repertório linguístico particular (o que significa ter uma língua própria e minoritária), os surdos têm padrões de interação compartilhados, atitudes específicas em relação a sua língua, à língua que funciona como segunda e a suas próprias instituições, onde se fala na língua da comunidade e que se encarregam de realizar ações de planejamento linguístico sobre ela.

O fato de ser uma comunidade linguística que possui duas línguas em seu repertório, LSU e espanhol, impõe uma relação particular entre as duas, efeito de sua distribuição funcional. Em geral, essa distribuição funcional é caracterizada da seguinte forma: as línguas orais são aquelas de prestígio amplo e estão ligadas às funções mais formais (escrita, ciência, literatura, governo etc.) e as línguas de sinais têm prestígio encoberto e permanecem reduzidas às funções menos formais e mais contextualizadas nas práticas interativas *cara a cara*.

Mas essa relação de distribuição entre as línguas, no caso das pessoas surdas, assume uma forma inerente e particular. Por um lado, a língua oral não pode ser escutada e, portanto, nunca pode ser constituída como língua natural. Por outro lado, a língua de sinais não possui escrita devido à materialidade de seu significante. Assim, a distribuição funcional fundamental adotada pela relação língua oral-língua de sinais para surdos é que a língua de sinais é utilizada exclusivamente em contextos conversacionais e, atualmente, em registros visuais; enquanto a língua oral é usada quase exclusivamente na escrita (já que a oralidade de qualquer língua oral sofre forte interferência porque deve ser redirecionada pelo canal visual).

A escrita como tecnologia da língua, cultura letrada e a posição escritocêntrica

É provável que a primeira ferramenta aplicada às línguas orais seja a escrita. Ela é composta por um sistema de grafemas, leis ortográficas para sua combinação e um suporte físico para sua materialização. Por grafema, entende-se qualquer marca que seja feita para representar uma unidade da língua. Os sistemas de escrita têm a função de tornar o texto um objeto permanente e externo ao enunciador (ONG, 1982; GOODY; WATT, 1996;

SAMPSON, 1996; OLSON, 1998).

Com essa definição, se estabelecem as duas propriedades básicas dos sistemas de escrita: *visibilidade* (objetificação) e *permanência*. A escrita torna o texto permanente, ao contrário do texto na oralidade que é, como afirma Ong (1982), um texto evanescente. Na oralidade, o texto faz parte do enunciador e desaparece à medida que é enunciado. Sua permanência depende da memória imediata de quem fala. Obviamente, à medida que a conversação avança, é impossível reter tudo que é dito. Por meio da escrita, que representa as unidades da língua, o texto permanece, ou seja, é fixo. Na medida em que é fixado, deixa de depender da memória de quem com ele interage. A permanência do texto depende do suporte físico sobre o qual é feito, das propriedades de arquivo e, também, da função. Uma lista de compras pode durar o tempo das compras, enquanto uma obra literária pode durar séculos ou milênios. Uma frase de amor escrita na areia da praia durará o tempo que a maré permitir, enquanto essa mesma frase pode durar anos estampada em uma parede no centro de uma cidade.

A objetivação do texto, no sentido de sua transformação em objeto físico, é outro efeito da escrita. Na medida em que a escrita representa as diferentes unidades da língua por meio de marcas visíveis (ou marcas táteis no caso do Braille), o texto escrito passa a ter uma consistência física. O que é evanescente e intangível na oralidade é permanente e manipulável na escrita. O texto escrito é um objeto. Torna-se algo externo ao enunciador. A possibilidade de ter o texto permanente e em um suporte que o torna manipulável, faz dele um objeto que pode ser interpretado, transformado e reescrito. Este não é o caso do que é dito no marco de um contexto oral.

Essas propriedades de permanência e objetivação transformam os textos escritos em objetos externos ao falante e, no momento da enunciação, possibilitam a propriedade de *arquivamento*. Os textos passam a ser arquivados em bibliotecas, centros de registro, entre outros, o que é elemento essencial na constituição dos Estados modernos e das ciências, humanidades e literatura. Nenhuma das formas de pensamento humano, vinculadas às práticas letradas, poderia ter se desenvolvido sem os textos objetivados e arquivados (OLSON, 1991). O que o arquivo faz é não deixar que o texto diferido fique na esfera privada e passe a fazer parte de um patrimônio

público, que é o que mais tarde determinará e constituirá os núcleos textuais e informacionais que são os pilares das instituições modernas e da cultura letrada.

Outra característica da escrita, que é efeito das anteriores, é que o texto se torna *diferido* em relação ao momento da enunciação. Há uma *alienação* do texto em relação ao enunciador. O fato de ter uma ferramenta que separa o texto do momento da enunciação e dos enunciadores faz com que ele seja diferido de sua enunciação. Não é possível identificar texto e enunciador da mesma forma que se faz na oralidade. Isso produz efeitos importantes em suas estruturas e funções. Na medida em que o texto é separado do momento da enunciação, muito da informação que o acompanha de forma pragmática deve ser estruturado sintaticamente (GIVÓN, 1979), e isso confere especificidades à estrutura linguística dos textos escritos. Por outro lado, as possibilidades de adiamento do momento da enunciação conferem ao texto novas funções e possibilitam, por exemplo: trabalho científico, legislação, arquivamento de informações e todas as demais funções típicas das culturas letradas e globais de hoje.

Da mesma forma, e como efeito de permanência e objetivação, o texto torna-se *interpretável*. Como afirma Olson (1998), um texto só é interpretável se for escrito, caso contrário está sujeito às vicissitudes da oralidade, em que o texto é permanentemente cocriado e construído pelos participantes da conversa. “Interpretável” significa que não importa mais o que o enunciador quis dizer; contudo na escrita, o que importa é o que o texto diz. A questão dialógica da compreensão do outro se perde e, na medida em que o texto é objeto independente do enunciador, torna-se, por si só, objeto de interpretação. Mesmo após o momento da escrita, o próprio escritor torna-se intérprete de seu próprio texto, com o qual passa a ter uma relação de alienação. Além disso, interpretar também indica que há uma demora na possibilidade de compreensão do que é dito. É possível ler um texto sozinho e trabalhar em sua compreensão.

Outra propriedade da escrita é o aprimoramento da atividade metalinguística e metacognitiva (OLSON, 1991; 1998). A escrita produz, para este autor, maior consciência da linguagem e maior voluntariedade. Esta é a base do desenvolvimento dos níveis metarrepresentacionais e

metalinguísticos envolvidos no processamento da linguagem mediada pela escrita. Nesse sentido, Olson (1991; 1998) mostra o papel intrinsecamente metalinguístico e metarrepresentacional que a escrita tem. Trata-se de um instrumento que, ao representar as unidades da língua, torna-se um sistema essencialmente metalinguístico: torna explícito o funcionamento da linguagem para seus usuários. Aqueles que usam a escrita tornam-se plenamente conscientes de suas unidades e podem, voluntariamente, operá-las.

A ampliação da consciência sobre a linguagem, por sua vez, produz nas culturas letradas o desenvolvimento do que Olson (1991) chamou de *metalinguagem oral*. Por “metalinguagem oral” entende-se uma especialização da linguagem que é usada para falar sobre linguagem e escrita. Dessa forma, desenvolvem-se modos de falar sobre o texto que fazem parte do funcionamento da escrita. Quem lê e escreve está particularmente atento ao texto como um elemento externo a si mesmo, que pode tomar como objeto de reflexão. Como afirma Olson (1991), a escrita é um sistema que faz refletir sobre a linguagem, e a metalinguagem oral é um sistema que faz refletir sobre a linguagem e a escrita. A escrita promoveria, então, o desenvolvimento de um nível duplamente metalinguístico de processamento. Esse desenvolvimento e especialização do processamento metalinguístico é potencializado por outra tecnologia da língua que, como aponta Auroux (1992), também visa aprimorar os níveis metalinguísticos: a tecnologia de gramatização composta por léxicos e gramáticas descritivas.

Por fim, de acordo com a estrutura de atraso que se institui entre o leitor/escritor e o texto e a valorização das funções metalinguísticas e metacognitivas, a escrita permite a possibilidade de *planejamento e controle* nas práticas de escrever ou ler (OCHS, 1979). Quem escreve tem um tempo muito diferente daquele que fala para pensar e planejar e corrigir o que está sendo escrito; e quem lê tem tempo para buscar interpretações e controlar o processo de compreensão do texto. Por meio da escrita, institui-se uma *estrutura de demora*, que amplia as funções do *rascunho mental* e possibilita pensar, controlar e organizar não apenas as unidades da língua representadas e transcritas pela escrita, mas também as unidades de pensamento associadas a elas. Planejamento e controle são dois elementos-

chave da escrita, possibilitados pelo nível metalinguístico e metarrepresentacional dos sistemas de escrita.

Levando em conta todas essas propriedades da escrita, pode-se argumentar que as culturas letradas são aquelas em que a escrita foi introduzida e generalizada como tecnologia, bem como as formas de multiplicação e arquivamento dos textos diferidos foram desenvolvidas e popularizadas como resultado de sua mediação (ONG, 1982; OLSON 1991; GOODY E WATT, 1996). Se a escrita não é amplamente acessível, não se constitui uma cultura letrada.

Ruptura com a posição centrada na escritura (*escritocêntrica*): a textualidade diferida

A perspectiva *escritocêntrica* retoma a visão da escrita e da cultura letrada e afirma que somente os textos escritos têm a característica de estar fora do prisma conversacional, sendo diferidos quanto ao momento da enunciação, veiculando a variedade padrão, sendo funcionalmente adaptados ao formal, sendo objetos manipuláveis, promovendo funções metalinguísticas, possibilitando a interpretação e sendo planejados e controlados por seu enunciador. Essa noção relacionada à escrita permeia a caracterização da cultura letrada, que obviamente só é entendida como sustentada por meio de práticas sociais com textos escritos.

A posição *escritocêntrica*, então, é aquela que identifica a escrita como a única forma possível de realizar práticas letradas. Em sua versão mais forte, o *escritocentrismo* chega a sustentar que um texto é apenas aquela produção linguística que esteja escrita, deixando as produções orais fora da noção de texto.

Neste trabalho proponho romper com essa identificação total entre texto escrito e texto diferido. Por um lado, porque pretendo sustentar que a tecnologia escrita não é a única capaz de produzir textos com as características atribuídas à escrita. Por outro lado, e como efeito do exposto, proponho sustentar que a cultura letrada não deve necessariamente estar associada à manipulação e especialização dos textos escritos, mas àqueles textos que são diferidos desde o momento da enunciação, independentemente da tecnologia usada para isso.

Atualmente, outras tecnologias vêm sendo desenvolvidas, além da escrita, que têm a propriedade de produzir textos permanentes e objetivados e que, portanto, permitem que sejam diferidos e arquivados. Trata-se das gravações audiovisuais. O desenvolvimento dessas tecnologias atuais desafia a ideia histórica de que a única maneira de ter um texto permanente (como diziam em latim: *verba volant, scripta manent*) é exclusivamente por meio da escrita.

Embora existam enormes semelhanças entre a escrita e os textos vídeo-registrados, também existem diferenças importantes. Essas diferenças são produto, basicamente, do fato de os vídeo-registros funcionarem pelo registro do locutor dizendo o texto e sua gravação simultânea; enquanto a escrita funciona por meio de um sistema extralinguístico que representa as unidades da língua. A escrita é uma tecnologia representacional e as gravações visuais são uma tecnologia de registro. Representação e registro atingem o mesmo objetivo: fixar o texto e, portanto, gerar textualidade diferida. São fortemente diferenciadas na forma como o fazem e nas consequências que isso tem no processamento da linguagem e na amplificação das funções metalinguísticas e metacognitivas. O fato de ser uma ferramenta que registra os enunciados da língua, mas não os representa, produz relações diferentes entre os falantes e o texto diferido e com a própria língua, daquelas que ocorrem com o uso de sistemas de escrita. Nos vídeo-registros, a língua não é representada por meio de unidades de outra natureza (grafemas, como no caso da escrita), mas sim o falante registrado/gravado no ato de dizer. Por isso, diante de um texto escrito, o leitor deve realizar determinados processos cognitivos para decodificá-lo. Da mesma forma, uma vez que as unidades da língua estão representadas, o processamento do texto escrito se dará no mais alto nível metalinguístico.

Em contraste, em comparação com a língua registrada, o processamento é quase semelhante ao que ocorre em um contexto conversacional. O nível metalinguístico é muito menor; porém, embora menor, não se assemelha ao da oralidade, em que o nível metalinguístico e metarrepresentacional não é amplificado por nenhuma tecnologia da língua. No caso dos vídeos gravados, há um nível de planejamento e controle que é produto da textualidade diferida e que requer uma tecnologia que torne o

texto um objeto permanente distante do momento de sua enunciação. Assim, nos registros visuais, o nível de meta-reflexão é menor, pois a própria atividade representacional oferecida pela escrita, por ser uma tecnologia de simbolismo de segunda ordem, a torna o maior amplificador de funções metalinguísticas, que já operava desde o processamento da linguagem em si. Além disso, as tecnologias de gravação de vídeos ainda não estão suficientemente desenvolvidas para permitir a textualidade intermediária (tanto para execução/performance, quanto para leitura). Por textualidade intermediária, entendo o sublinhado, a escrita na margem e as estratégias de correção e de recorte e cola de parágrafos que fazem parte do processamento de textos escritos, mas que não são o próprio texto. Nesse sentido, gravações de áudio e/ou vídeos, por suas características tecnológicas, apresentam atualmente menor possibilidade de processamento em textualidade intermediária.

Levando-se em conta tudo o que foi dito, sustento que é essencial, para sair da posição centrada na escrita, de pouca utilidade para compreender as culturas surdas, mas também para compreender as culturas ouvintes atuais, apresentar um termo mais geral que englobe os textos construídos por meio da escrita ou por meio de gravações de áudio e/ou vídeos. Este conceito é o da *textualidade diferida*. A textualidade diferida é entendida como aquela textualidade que se materializa por meio de um suporte tecnológico que separa o enunciador do enunciado e, portanto, está separada/distanciada do momento da enunciação. Nesse sentido, os textos diferidos, que são permanentes e objetivados, poderiam ser tanto os textos escritos quanto textos registrados em áudio ou vídeo.

Os surdos e textualidade diferida no Uruguai

Como já aponte, os surdos possuem um repertório linguístico funcionalmente distribuído: por um lado, o espanhol escrito como segunda língua e, por outro, a LSU, tanto oralmente quanto em vídeo-registros. Essa distribuição funcional ocorre porque as línguas de sinais não se adaptaram para gerar textualidade diferida por meio da tecnologia representacional. Embora existam tecnologias representacionais desenvolvidas para escrever línguas de sinais, a comunidade surda uruguaia não as generalizou para sua

língua de sinais, de modo que a cultura letrada não se constituiu dessa maneira. Assim, a única forma generalizada que os surdos no Uruguai têm para o uso de uma textualidade diferida do tipo representacional é a escrita de sua segunda língua, ou seja, o espanhol. Por outro lado, a textualidade diferida na língua materna dos surdos está sendo produzida por meio de registros visuais, e seu arquivamento via *Internet*.

O surdo e o espanhol escrito

A comunidade surda uruguaia tem uma relação de dupla alienação em relação ao espanhol escrito. As razões dessa alienação poderiam estar nas particularidades que o espanhol escrito assume para os surdos. Por um lado, a escrita impõe uma relação tecnologizada com a língua, na medida em que se introduz um artefato de mediação que representa suas unidades. Assim, a relação de qualquer falante com a escrita de sua língua é uma relação metalinguística, na medida em que envolve reflexão sobre sua língua e, portanto, impõe processos de abstração e distanciamento ausentes na oralidade. Pode-se dizer que essa relação de alienação se dissolve quando os falantes internalizam a escrita e a tornam parte do processamento da linguagem. Isso ocorre exclusivamente no âmbito das culturas letradas.

Por outro lado, o espanhol é uma segunda língua para os surdos, de acesso na oralidade quase impossível. As relações com uma segunda língua também implicam uma experiência metalinguística, na medida em que se trata de um sistema linguístico que se aprende a partir da língua adquirida como língua materna. Quando se aprende uma segunda língua, ocorrem processos de transferência e tradução a partir da língua materna e, com isso, potencializa-se a reflexão metalinguística, que atinge não só a segunda língua que está sendo aprendida, mas especulativamente, também a própria língua, na qual os processos tiveram início.

Por tudo o que foi dito, no caso da escrita de uma segunda língua, os níveis metalinguísticos se multiplicam por, ao mesmo tempo, ser uma segunda língua e por ser representada por um instrumento. Assim, para os surdos, a escrita em espanhol é necessariamente uma atividade altamente metalinguística e metacognitiva, na medida em que se escreve em uma segunda língua, com uma tecnologia que representa unidades da língua a

cuja materialidade eles não têm acesso direto. Essa forte impregnação da função metalinguística e metacognitiva pode estar na base do sentimento de alienação e estrangeirismo que a maioria dos surdos experienciam com essa tecnologia e com a cultura letrada construída em torno dela.

Diante dessa situação, cabe perguntar para que os surdos usam o espanhol escrito? Como já foi apontado (LARRINAGA; PELUSO, 1996, 2001; DE LEÓN *et al.*, 2014; PELUSO, 2014), uma das características mais marcantes do espanhol escrito na comunidade surda uruguaia é o seu caráter eminentemente oral. Ou seja, os surdos usam o espanhol escrito geralmente em contextos de *interação cara a cara*.

Antes da revolução produzida pelas tecnologias de informação e comunicação (com o surgimento de *e-mails*, *Facebook*, *Google* etc.), os surdos utilizavam fundamentalmente a escrita como suporte para a oralidade nas conversas entre surdos e não falantes da LSU (LARRINAGA; PELUSO, 1996). Isso ocorreu de duas formas: utilizando a datilologia e, portanto, a escrita no espaço, nos casos em que o interlocutor ouvinte a conhecia; ou escrevendo em papel, nos casos em que o interlocutor ouvinte não conhecia a datilologia. Assim, quando surdos e ouvintes falavam sem se entenderem na LSU, muitas vezes escreviam certas palavras-chave (*palavras de conteúdo*) em papel para garantir o sucesso da comunicação (LARRINAGA; PELUSO, 1996).

Atualmente, com as novas tecnologias de comunicação e informação, os surdos incorporaram novas funcionalidades orais para o espanhol escrito. Como se pode deduzir da pesquisa que estou apresentando, os surdos escrevem *e-mails*, conversam via *chat*, enviam mensagens pelo celular (*sms*) e utilizam diversas redes sociais, principalmente o *Facebook*. As novas tecnologias imprimem seu selo diferente das práticas de escrita. O que antes era, exclusivamente, uma palavra solta no papel ou soletrada no ar, hoje supõe uma nova organização sintática para poder ser transmitida e compreendida no contexto de uma comunicação via *sms* ou *chat*. O interessante é, como pude verificar em minha observação participante, a rapidez com que a comunidade surda adotou essas tecnologias que incluem a escrita em sua modalidade oral e adaptou as estruturas do espanhol para poder utilizá-las. Conforme proposto pela linha funcionalista, a função

antecipa a estrutura e faz com que o que poderia ser um *mundo à parte e estrangeiro* torne-se um espaço de vida cotidiana e de prazer.

Obviamente, com a entrada massiva da comunidade surda no ensino, o papel do espanhol escrito, reduzido quase exclusivamente à oralidade, vem mudando nas novas gerações de surdos, muitos deles graduados no ensino médio, muitos estudando na universidade ou em outras instituições de ensino superior. Assim, com o ingresso da comunidade surda na educação bilíngue em todos os ramos da educação, muitos surdos, em poucos anos, passaram a ter acesso a espaços acadêmicos nos quais antes não ingressavam. Isso amplia muito o espectro de textos em espanhol escritos para serem lidos. Por exemplo, atualmente estudantes universitários surdos leem textos das diferentes disciplinas que estudam, ou em que são profissionais. Isso levou à consolidação, na comunidade surda, das funções relacionadas à leitura acadêmica, geralmente especializada na leitura de textos científicos e de divulgação (em menor medida, outros tipos de textos são lidos/escritos).

Fora da comunicação oral ou da escrita acadêmica, é bastante raro o uso do espanhol escrito para fins recreativos. Essa tendência é claramente observada também entre os ouvintes da mesma geração, que parecem se especializar em outras tecnologias da língua, da comunicação e da informação para diferentes funções. Também não parece haver uso da escrita como auxílio à memória.

Esses dados, que emergem da minha observação participante em diferentes espaços da comunidade surda, também foram corroborados por uma investigação realizada na escola secundária (PÉREZ, 2014), cujos resultados mostraram que os surdos que frequentam este nível utilizam a escrita fundamentalmente em dois tipos de atividades: conversação (oralidade) e estudo (escrita). Como indiquei anteriormente, no estado atual da comunidade surda e no caso dos jovens que ingressaram no sistema formal de ensino, as funcionalidades da escrita tornaram-se especializadas: por um lado para usos conversacionais (*chat, sms*), mantendo a função que historicamente a escrita teve, mas atravessada por novas tecnologias que possibilitam seu empoderamento; e, por outro lado, para usos acadêmicos como parte da atividade de estudo e de caráter obrigatório, o que é uma

função inédita para a comunidade surda uruguaia. Embora haja uma nova situação funcional da escrita, ela parece continuar reduzida a uma língua estrangeira e a contextos em que não é possível se comunicar por meio da LSU.

Esse panorama mostra a polarização radical da distribuição funcional que o espanhol escrito está tendo na comunidade surda atual. Ele está sofrendo uma polarização radical: por um lado, situa-se no polo pragmático dos marcos conversacionais; por outro lado, no pólo sintático, nas práticas de escrita acadêmica e atividade de estudo.

Outra função que o espanhol escrito tem na comunidade surda é a legendagem. O Uruguai é um país em que a legendagem tem sido tradicionalmente usada para a acessibilidade linguística de filmes falados em outros idiomas que não o espanhol. Isso foi estendido a filmes que usam variedades não padronizadas de espanhol. Embora essa legendagem não seja destinada a surdos, mas a falantes de espanhol, é muito útil para essa comunidade, pois torna esses filmes acessíveis também a seus membros. No entanto, nem todos dominam as estruturas do espanhol escrito e a velocidade de leitura necessária para entender essas legendas.

Outra funcionalidade importante que o espanhol escrito está adquirindo dentro da comunidade surda é a relacionada às buscas na *Internet*. Atualmente, a *Internet* tornou-se um espaço privilegiado de acesso à informação e comunicação. A comunidade surda não é alheia a isso. Pelo contrário, esta comunidade encontrou na *Internet* um espaço tão importante para a troca de informações (geralmente através de registros visuais), que é uma das razões pelas quais começou a abandonar os seus locais de encontro históricos. As pesquisas na *Internet* também envolvem uma certa especialização das estruturas do espanhol escrito: reconhecer palavras-chave e definir termos de pesquisa. Nesta função, esta língua torna-se um valor chave para os surdos e por isso tem tido uma ampla difusão.

Os surdos e os vídeo-registros

Com o surgimento e generalização das tecnologias de gravação de áudio e vídeo, que ocorreram fundamentalmente nos primeiros anos do século XXI, os surdos passaram a gravar textos em LSU, algo que antes não podiam

fazer, o que mudou completamente seu ecossistema comunicacional e linguístico.

Além de terem acesso às tecnologias de telecomunicações (algo que até então era quase exclusivo aos ouvintes), os surdos passaram também a ter acesso à possibilidade de gravarem textos em sua língua materna, para que pudessem ser *lidos* em outro contexto. As novas funcionalidades que isso possibilitou à LSU e a seus locutores foram tais que, em poucos anos, os surdos adaptaram-se de forma rápida, generalizada e revolucionária ao uso de gravações de vídeo para construir textualidade diferida em sua língua, utilizando a *Internet* para arquivar e disponibilizar os referidos textos em vídeo-registros para toda a comunidade, fato que pode ser considerado uma cultura letrada nascente em LSU.

Por meio de vídeo-registros, os surdos realizam, nas línguas de sinais, as mesmas atividades que os ouvintes historicamente realizaram por meio da escrita das línguas orais. Com isso, me refiro à possibilidade de gerar diretamente textos visuais gravados ou traduzir textos escritos em espanhol em textos visuais gravados na LSU e vice-versa.

A geração de uma nova textualidade diferida visualmente gravada, como aconteceu há centenas de anos com a geração de uma nova textualidade diferida em espanhol escrito, está levando a LSU a começar a adquirir um novo repertório funcional, a expandir seus sistemas lexicais e estruturas morfossintáticas, a desenvolver novos gêneros discursivos e caminhar em direção à padronização e gramatização. Esta supõe a geração gradual de léxicos e gramáticas descritivas, bem como a emergência de uma ideologia pura, que passa a estabelecer quais são as formas linguísticas adequadas para perdurar como textualidade diferida.

Embora não existam arquivos especializados em textualidade visualmente gravada na LSU no Uruguai, cada vez mais instituições começam a caminhar nessa direção (PELUSO, 2015). Nas escolas bilíngues para surdos, onde essa textualidade é trabalhada, os textos gravados em vídeo já estão sendo guardados para fins públicos, inclusive *blogs* institucionais onde essas gravações são arquivadas estão sendo promovidos. O mesmo ocorre com a Carreira de Tecnólogo em Interpretação e Tradução LSU-Espanhol (TUILSU) da Universidad de la República, que também tem

feito tímidos movimentos nesse sentido. Em 2011, a TUILSU publicou um DVD com os anais de uma conferência realizada em Montevideu em que surdos publicaram seus resumos em textualidade visual gravada na LSU (FOJO; PELUSO, 2011). Desde 2012, a investigação linguística da LSU é realizada na LSU, fundamentalmente na área da fonologia e do léxico (PELUSO; VAL, 2012). Em 2013, foi promovido o desenvolvimento de artigos acadêmicos de LSU vídeo-registrados para professores surdos, que ainda não haviam sido publicados. Nesse mesmo ano, o plano de estudos da carreira foi alterado para poder formar tradutores, levando em conta o conceito de textualidade diferida: do espanhol escrito ao vídeo-registro na LSU e vice-versa (TUILSU, 2014).

Por sua vez, as diferentes associações de surdos do Uruguai estão publicando em suas páginas da *Internet* vídeo-registros que oferecem diferentes conteúdos textuais: literários, informativos, políticos e acadêmicos. O mesmo vale nas escolas para surdos. Nos últimos tempos, também surgiram *blogs* pessoais de surdos, nos quais os textos são arquivados em vídeo-registros na LSU, bem como em páginas do *Facebook*. Embora sejam pessoais, pelas características da *Internet* e pela possibilidade de troca que ela traz, esses *blogs* e perfis do *Facebook* têm a função de serem de domínio público e, portanto, de disponibilizar a referida textualidade diferida no contexto da comunidade surda uruguaia.

Processos semelhantes de uso e generalização da textualidade diferida podem ser observados em outras comunidades surdas da América Latina, como Argentina (CANALES, 2017), Brasil (KARNOPP, KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2013; KARNOPP; KLEIN, 2016; LODI, 2014) e México (ROMERO, 2015).

Conclusões

Como efeito do uso de tecnologias, que produzem a permanência e objetivação dos textos, os mesmos tornam-se interpretáveis e planejados, sejam escritos ou gravados em vídeo. Assim, o texto mediado por uma tecnologia se transforma em um objeto que permanece fora do momento de sua enunciação e, portanto, requer um processamento específico e diferente

daquele que ocorre quando os interlocutores estão diante deles e os significados são cocriados com eles. Isso vale, não apenas para os processos ligados à interpretação, mas também à produção.

Levando em conta o conceito de textualidade diferida, a pesquisa realizada no TRELSU sugere que todos os elementos que historicamente foram atribuídos à escrita e às culturas letradas sejam atribuídos na comunidade surda uruguaia:

- a existência de vídeo-registros como tecnologia que permite a geração de textualidade diferida, bem como tecnologias que permitem o arquivamento e a coleta de textos visuais gravados em LSU, para que sejam disponibilizados aos membros da comunidade;
- a generalização do uso dessas tecnologias pela maioria dos membros da comunidade e
- a adaptação de instituições da comunidade surda, ou de instituições em que se fale a LSU, para a transmissão e utilização de textualidade diferida nessa língua.

É possível concluir então que, devido à invenção e generalização de vídeo-registros e suas formas de arquivamento e coleta, os surdos atualmente possuem a forma de terem textos diferidos em sua língua materna e de construir uma cultura letrada em torno deles.

Esta afirmação deve ter efeitos, tanto ao nível educacional quanto ao nível das práticas de tradução. Conforme apontado em Peluso (2015), conceituar vídeo-registros como textualidade diferida em LSU possibilita a ideia de que textos escritos em línguas orais podem ser traduzidos em textos gravados em vídeo em línguas de sinais e vice-versa. Da mesma forma, os surdos não deveriam ter a obrigação, na academia e em outros contextos formais, de lerem e produzirem seus textos em língua oral; em vez disso, os vídeo-registros em língua de sinais devem ser considerados como outra forma possível de gerar textos diferidos. E assim, a exemplo disso, os surdos deveriam poder fazer seus testes e provas em vídeo-registros, assim como suas dissertações, teses e artigos científicos.

No Brasil, já existem surdos que apresentaram suas dissertações e teses de mestrado e doutorado em Libras vídeo-registradas e, posteriormente, as defenderam na mesma língua. No Uruguai, como já

menção, desde de 2016, os alunos surdos são admitidos na Universidad de la República para se formarem como tradutores e intérpretes LSU-espanhol.

No nível da educação bilíngue e intercultural de surdos, a afirmação que indica que tanto a escrita quanto os vídeo-registros formam modalidades de textualidade diferida também tem forte impacto, já que possibilita o deslocamento do clássico escritocentrismo, com o qual se desenvolveu a educação bilíngue para surdos. Historicamente, a educação bilíngue para surdos foi pensada para que a língua de sinais fosse a língua da oralidade em sala de aula e a língua oral, a língua das práticas letradas. Na medida em que se reconhece que a língua de sinais vídeo-registrada também possibilita práticas letradas, a educação bilíngue de surdos deve incorporar novas formas de “*letramento*” ou alfabetização, em que não apenas o ensino do espanhol esteja presente, mas, inclusive e centralmente, o ensino de práticas letradas por meio de vídeo-registros em línguas de sinais. Diante da perspectiva que estou apresentando neste trabalho, somente incorporando um *letramento* bilíngue e pluritecnológico, com uma clara liderança da língua de sinais e da cultura surda, que rompe com a tradição escritocêntrica, será possível alcançar uma educação verdadeiramente bilíngue e intercultural. Na minha opinião, esse é o caminho que a educação bilíngue e intercultural para surdos deve seguir hoje.

Referências

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- CANALES Creciendo en Señas, 2017. Disponível em: <http://www.canales.org.ar/> Acesso em: 23 out. 2022.
- DE LEÓN, A. *et al.* (2014). **Los sordos, el español escrito y la comunicación**. En TUILSU, TUILSU-imagen Producciones: Consideraciones teóricas, metodológicas y políticas. Montevideo, Uruguay: Tuilsu/Fhce/UdelaR, 2014.
- ERTING, C. **Deafness, communication and social identity: an anthropological analysis of interaction among parents, teachers, and deaf children in a preschool**. PHD dissertation, the American University, Washington, USA, 1982.

- FAIRCLOUGH, N. **Propuestas para un nuevo programa de investigación del Análisis Crítico del Discurso**. En L. Martín Rojo y R. Whittaker (Org.). Poder decir o el poder de los discursos (pp.35-54). Madrid, España: Arrecife, 1998.
- FOJO, A. y PELUSO, L. (Org.). **Prólogo. Actas del II Encuentro Internacional de Intérpretes y I Encuentro Regional de Sordos y I Congreso Regional de Investigadores de Lenguas de señas y Culturas Sordas**. Montevideo, Uruguay: TUILSU/UdelaR, 2011.
- GIVON, T. **On understanding grammar**. New York, USA: Academic Press, 1979.
- GOODY, J.; Watt, I. **Las consecuencias de la cultura escrita**. En J. Goody. (Comp.). Cultura escrita en sociedades tradicionales (pp.39-82). Barcelona, España: Gedisa, 1996.
- GUBER, R. **El salvaje metropolitano**. Buenos Aires, Argentina: Paidós, 2004.
- GUMPERZ, J. **Types of linguistic communities**. En J. Fishman. (Ed.) Readings in the Sociology of Language (pp.460-472). The Hague, Holanda: Mouton, 1968.
- ÍNIGUEZ RUEDA, L. **Investigación y evaluación cualitativa: bases teóricas y conceptuales**. Atención Primaria. 23(8), 496-502. UAB, Barcelona, 1999.
- KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M.L. (Org.) **Cultura Surda na contemporaneidade**. Porto Alegre, Brasil: Editora da ULBRA, 2013.
- KARNOPP, L. B. Y KLEIN, M. **Narrativas e Diferenças em Língua de Sinais Brasileira**, v. 29, 95-108, Revista Em Aberto – INEP, 2016. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3137>
Acesso em: 23 out. 2022.
- LANDER, E. (Comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, Argentina: Ediciones Ciccus, 2011.
- LARRINAGA, J.A. Y PELUSO, L. **Los sordos y la lengua oral. Una aproximación al español de la Comunidad Sorda de Montevideo**. Montevideo, Uruguay: Publicaciones de FHCE, 1996.
- LARRINAGA, J.A. Y PELUSO, L. **El español de los sordos en Uruguay: un análisis de casos**. Trabajo presentado en la Conferencia Científica Internacional: Lingüística, La Habana, Cuba. Noviembre de 2001.
- LODI, A.C.B. **Texto e Discurso em Libras: possibilidades de apropriação de práticas de leitura e produção de textos/discursos por alunos surdos**. Em A. Ernst; V. Leffa y A. Sobral. (Org.). Ensino e linguagem. Novos desafios. p. 97- 126. Pelotas, Brasil Educat, 2014.

- OCHS, E. **Planned and unplanned discourse**. En T. Givon. (Ed.) *Discourse and Syntax* (pp. 51-80). New York, USA: Academic Press, 1979.
- OLSON, D. **La cultura escrita como actividad metalingüística**. En D. R. Olson y N. Torrance. (Comps.), *Cultura escrita y oralidad* (pp. 333-358). Barcelona, España: Gedisa, 1991.
- OLSON, D. **El mundo sobre papel**. Barcelona, España: GEDISA, 1998.
- ONG, W. **Oralidad y escritura. Tecnologías de la palabra**. Buenos Aires, Argentina: Fondo de cultura económica, 1982.
- PELUSO, L. **Sordos y Oyentes en un liceo común. Investigación e intervención en un contexto intercultural**. Montevideo, Uruguay: Psicolibros/UdelaR, 2010.
- PELUSO, L. **Acerca del estilo sordo del español escrito: breves consideraciones lingüísticas y políticas**. En TUILSU, TUILSU-imagen Producciones 2014: Consideraciones teóricas, metodológicas y políticas. p. 37-40. Montevideo, Uruguay: Tuilsu/Fhce/UdelaR, 2014.
- PELUSO, L. **Traducción entre español escrito y Lengua de Señas Uruguaya videograbada: un nuevo desafío**. *Cadernos de Tradução*, v. 35, p. 479-504. 2015. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p479>. Acesso: 23 maio 2024.
- PELUSO L. y VAL, S. **Léxico TRELSU. Primer Léxico de la LSU en LSU. Caracterización, aspectos teórico-metodológicos y manual de uso**. LSI, Lengua de señas e interpretación, v.3, p. 31-49. 2012.
- PÉREZ, C. **Relaciones de estudiantes sordos con la escritura: lo ficcional escrito en clase de literatura** (Tesis de Maestría en Ciencias Humanas, Opción Lenguaje, Cultura y Sociedad). Universidad de la República, Montevideo, Uruguay. 2014.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo, Brasil: Parábola Editorial, 2003.
- ROMERO, N. **La “biblioteca” en Lengua de Señas Mexicana. Particularidades y desafíos**. Conferencia dictada en el 4to. Coloquio: Lengua de Señas. Procesos de Adquisición y elaboración de diccionarios. Ciudad de México, Centro de Enseñanza de Lenguas Extranjeras, Universidad Nacional Autónoma de México. 2015.
- SAMPSON, G. **Sistemas de escritura**. Barcelona, España: Gedisa. 1996.
- STOKOE, W.C. **Sign Language Structure. An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**. Silver Spring, USA: Linstok Press. 1993.
- TAYLOR, S. y BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación**. Barcelona, España: Paidós. 1987.



TUILSU. **Plan de estudios de la tecnicatura en interpretación y traducción LSU - español**. Montevideo, Uruguay: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 2014.

VAN DIJK, T. (Comp.). **El discurso como interacción social. Estudios sobre el discurso II: Una introducción multidisciplinaria**. Barcelona, España: Gedisa, 2000.

Resumo

Este trabalho apresenta as principais discussões teóricas que se desenvolvem no programa de pesquisa/extensão denominado *Textualidade Registrada em Língua de Sinais Uruguiaia* (TRELSU). Por um lado, será descrita a distribuição funcional das línguas dentro da comunidade surda, segundo a qual, como tem sido historicamente estabelecido, a língua oral funciona na escrita e a língua de sinais, na oralidade. Por outro lado, será desenvolvido o conceito de textualidade diferida e a forma como as tecnologias de escrita e de registro em vídeo atuam para sua realização. A partir deste último, serão mostradas as formas como a generalização e o arquivamento da textualidade gravada em vídeo em língua de sinais, sob certas condições, permitem a criação de uma cultura letrada nessa língua e se discutirá a visão escritocêntrica, que afirma que a única forma de gerar textualidade diferida é a partir da escrita de uma língua oral. Por fim, levando-se em conta o que foi dito anteriormente, serão discutidos os efeitos que pode ter essa concepção de textualidade diferida tanto sobre a educação bilíngue e intercultural dos surdos quanto sobre as práticas tradutológicas entre línguas orais e as línguas de sinais.

Palavras-chave

Surdos; Língua de Sinais; Tecnologias de escrita; Tecnologias de registro; Textualidade diferida

Resumen

Este trabajo presenta las principales discusiones teóricas que se llevan adelante en el programa de investigación/extensión denominado *Textualidad Registrada en Lengua de Señas Uruguayu* (TRELSU). Por un lado, se describirá la distribución funcional de las lenguas dentro de la comunidad sorda según la cual, como ha sido históricamente sostenido, la

lengua oral funciona en la escritura y la lengua de señas en la oralidad. Por otro lado, se desarrollará el concepto de textualidad diferida y la forma en que las tecnologías de escritura y de viso-grabación actúan para su realización. A partir de esto último se mostrarán las formas en que la generalización y el archivo de la textualidad viso-grabada en lengua de señas, bajo ciertas condiciones, permite la generación de una cultura letrada en dicha lengua y se discutirá la visión escriturocéntrica que plantea que la única forma de generar textualidad diferida es a partir de la escritura de una lengua oral. Finalmente, teniendo en cuenta lo anterior, se discutirán los efectos que puede tener esta concepción de textualidad diferida tanto sobre la educación bilingüe e intercultural de los sordos, como sobre las prácticas traductológicas entre lenguas orales y lenguas de señas.

Palabras clave

Sordos, Lengua de Señas, tecnologías de escritura, tecnologías de registro, textualidad diferida.